

MEU DEUS E MEU TUDO

A oração de cinco palavras que atravessa a noite mal dormida e devolve o homem inteiro ao dia seguinte: sobre esperança, gratidão e a arte de esperar em Deus.

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo, teólogo, mestre em Gestão Pública e Diácono Permanente. Palestrante nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosofia.

Existe uma oração que São Francisco de Assis repetiu a noite inteira, segundo os testemunhos antigos, sem conseguir dizer outra coisa. Meu Deus e meu tudo. Cinco palavras apenas, e nenhuma delas pede alguma coisa. Não é uma oração de pedido, é uma oração de pertença. Quem a diz não está negociando com Deus, está reconhecendo a quem pertence. E é justamente por isso que ela funciona nas noites em que nenhuma outra oração funciona, quando o coração está acelerado, o sono não vem e a alma sente que está carregando mais do que consegue. Nessas horas, não se consegue orar longamente. Consegue-se apenas pertencer.

A NOITE NÃO É ABANDONO

A primeira consolação que a fé oferece é também a mais difícil de aceitar: a noite escura não é sinal de que Deus se ausentou. São João da Cruz ensinou que há noites que purificam, que retiram da alma os apoios secundários para que ela se firme apenas no essencial. Quem já atravessou uma dessas noites sabe que, no dia seguinte, algo mudou. Não necessariamente as circunstâncias externas, mas a hierarquia interna. O que parecia enorme às três da manhã encontra o seu tamanho verdadeiro às nove da manhã. E o que permanece grande depois do amanhecer, esse sim merece ser tratado com seriedade.

Há uma cena do Evangelho que descreve isso com precisão desconcertante. A barca está no meio da tempestade, as ondas invadem, os discípulos estão apavorados, e Jesus está dormindo na popa, sobre um travesseiro. A pergunta deles é a nossa: não te importas que estejamos perecendo? A resposta não é uma explicação, é uma pergunta de volta sobre a fé. Deus dormia na barca porque a barca não afundaria. A tempestade era real, o medo era real, e o naufrágio não era. Nem toda agitação anuncia catástrofe. Muitas anunciam apenas que chegamos ao limite de carregar sozinhos.

ELIAS DEBAIXO DO JUNÍPERO

Quando o profeta Elias chegou ao fim das forças, sentou-se debaixo de um junípero e pediu a morte. Estava exausto de servir, de enfrentar, de responder, de sustentar sozinho uma causa grande demais. E Deus, que poderia ter enviado uma revelação, enviou um anjo com pão e água e mandou que ele dormisse. Depois o acordou e mandou comer de novo, porque o caminho seria longo. Só muito depois, no monte Horeb, veio o encontro, e não no vento forte, nem no terremoto, nem no fogo, mas numa brisa suave. Deus respeitou o corpo antes de falar à alma. Essa é uma das páginas mais consoladoras da Escritura para todo homem que trabalha demais e cobra demais de si mesmo.

A ESPERANÇA NÃO É OTIMISMO

Convém distinguir com clareza duas coisas que a linguagem corrente confunde. Otimismo é a expectativa de que tudo dará certo. Esperança é a certeza de que, dando certo ou não, Deus não se retira. O otimismo depende do resultado, a esperança depende da aliança. Por isso o otimismo quebra na primeira contrariedade séria, enquanto a esperança atravessa perdas, doenças, injustiças e madrugadas insones. Charles Péguy chamou a esperança de a menor das três virtudes, a criancinha que caminha entre a fé e a caridade e que, no entanto, é ela quem puxa as duas irmãs mais velhas pela mão. É a virtude que parece frágil e é a que sustenta o passo.

Quem vive da aliança plena, aquela tríade formada por Deus, por si mesmo e pela companhia de vida, tem uma vantagem espiritual concreta nas horas difíceis. Não precisa descobrir sozinho o que fazer. A mão da esposa que toca no ombro para acalmar já é ministério. O filho que atende ao telefone e reorganiza o horário já é providência. A família reunida numa noite para conversar já é conselho do Espírito operando por meios humanos. Deus quase nunca responde por escrito. Ele responde por pessoas.

OS DONS DO ESPÍRITO E A PRESSA DO MUNDO

Entre os sete dons do Espírito Santo há um que costuma ser esquecido justamente quando mais se precisa dele: o dom de conselho. Ele não produz certezas instantâneas, produz clareza gradual. É o dom que permite a alguém dizer, com paz, que ainda não sabe, e que vai esperar. Esperar não é passividade. Esperar é uma forma ativa de fé, talvez a mais exigente de todas, porque obriga a suportar a ambiguidade sem preenche-la com decisões apressadas. O mundo tem pressa, mas Deus não tem pressa com quem Ele ama. Uma semente de garapuvu leva anos até dar sombra, e ninguém acusa a árvore de lentidão.

Quem planta floresta aprende teologia sem perceber. Aprende que existe um tempo entre a semeadura e a colheita que não pode ser encurtado, e que esse tempo intermediário não é tempo perdido, é tempo de raiz. Aprende que a maior parte do trabalho de uma árvore acontece embaixo da terra, invisível, no período em que parece que nada está acontecendo. E aprende que o agricultor que arranca a muda para conferir a raiz mata exatamente aquilo que queria salvar. A alma humana obedece à mesma lei. Há períodos em que a única coisa certa a fazer é não mexer.

A GRATIDÃO COMO CHÃO

Nas horas de confusão, a gratidão não é um sentimento, é uma disciplina. Ela não nega o problema, apenas se recusa a olhar somente para ele. Uma esposa amada ao lado por décadas. Filhos que trabalham, lutam e sustentam a casa. Netas que correm por um sítio que o avô plantou. Uma floresta nascendo onde antes não havia. Uma palestra que tocou pessoas na véspera, ainda que o palestrante tenha pagado o preço em ansiedade. Um amigo que convida, uma casa que acolhe, um reencontro que emociona. Nada disso desaparece porque a noite foi difícil. Tudo isso continua sendo verdade enquanto o coração se aflige. A gratidão é o chão que impede a queda livre, e ela precisa ser exercida deliberadamente, sobretudo quando não vem

espontânea.

O QUE DEUS COSTUMA RESPONDER

Quando alguém pergunta a Deus o que fazer da própria vida, a resposta raramente vem como projeto completo. Vem como próximo passo. Abraão não recebeu o mapa, recebeu a direção. Moisés não recebeu o roteiro, recebeu o primeiro encontro. Maria não recebeu a explicação, recebeu a companhia. A fé bíblica nunca funcionou como planejamento estratégico revelado, mas como caminhada acompanhada. Por isso é legítimo, e até saudável, terminar uma oração ainda sem saber o que se vai decidir, desde que se saiba com quem se caminha. A pergunta certa não é Senhor, o que devo fazer com os próximos dez anos. A pergunta certa é Senhor, o que devo fazer hoje, e Ele costuma responder essa.

CONCLUSÃO

A noite passou. O corpo pede cuidado, e cuidar dele é obediência, não fraqueza. As decisões podem esperar, e esperá-las é fé, não covardia. A família será reunida, e ouvi-la é sabedoria, não abdicação. A floresta continuará crescendo devagar, como tudo o que dura. E a oração que sustentou uma noite inteira continua valendo de manhã, com a mesma força e menos aflição. Meu Deus e meu tudo. Quem consegue dizer isso ao amanhecer, depois de não ter dormido, já recebeu a resposta principal. As outras virão no tempo delas.

RECOMENDAÇÕES ESPIRITUAIS E PRÁTICAS

Adotar a oração breve de São Francisco, Meu Deus e meu tudo, como jaculatória repetida nas horas de aceleração interior, sem exigir de si nenhuma oração longa.

Ler pausadamente o capítulo 19 do Primeiro Livro dos Reis, atento à ordem divina de comer e dormir antes de subir ao monte.

Praticar o exercício diário da gratidão nomeada, registrando por escrito três motivos concretos por dia durante os quinze dias de espera.

Guardar a distinção entre esperança e otimismo em toda pregação e em toda conversa familiar deste período.

Tratar o cuidado com o corpo, o sono e a consulta médica como parte da obediência espiritual, e não como assunto separado da fé.

Levar à reunião de família não a decisão pronta, mas a pergunta aberta, confiando o discernimento também ao dom de conselho operando nos que amam.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é Diácono Permanente desde 2003, Engenheiro Agrônomo formado pela UDESC, graduado em Filosofia e em Teologia e Mestre em Gestão Pública pela UNIVALI, com especializações em Psicopedagogia, Metodologia do Ensino Superior, Gestão de Marketing e Extensão Rural. Nasceu em 27 de janeiro de 1961, na comunidade de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de Érica Laurentino Lotério e de Auri Fábio Lotério, cooperativista pioneiro e figura fundadora da CRAVIL. Foi extensionista rural e Diretor Estadual da Epagri/SC, Prefeito Municipal de Camboriú, assessor na ALESC e consultor da Emater/RS Ascar. Apresenta desde 1989 o programa de rádio Alegria de Viver. É autor de Pais Frouxos, Filhos

Sofredores, Pais Firmes, Filhos Felizes; Paixão pelo Cooperativismo; A Eternidade em Nós; e Um Minuto de Inspiração. Criou a Agrosofia, filosofia de vida que integra ciência agronômica, valores humanistas, doutrina cooperativista e espiritualidade cristã, além dos conceitos de Inteligência Orientada, Ciclotivação e Pedagogia da Ausência. Sustenta como fundamento pessoal a aliança plena, tríade formada por Deus, pela pessoa e por sua companheira de vida. Vive em Camboriú, Santa Catarina, com a esposa Ana Maria Rebelo Lotério, e cultiva o Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, dedicado à restauração de espécies nativas da Mata Atlântica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. Primeiro Livro dos Reis, capítulo 19; Evangelho de São Marcos, capítulo 4, versículos 35 a 41.
- AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 2011.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000. Números 1817 a 1821 e 1830 a 1831.
- CELANO, Tomás de. Vida de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JOÃO DA CRUZ, São. Noite escura da alma. São Paulo: Paulus, 2002.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. A eternidade em nós. Camboriú: edição do autor.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Um minuto de inspiração. Camboriú: edição do autor.
- NOUWEN, Henri J. M. A volta do filho pródigo. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PÉGUY, Charles. O pórtico do mistério da segunda virtude. São Paulo: É Realizações, 2013.
- RATZINGER, Joseph. Introdução ao cristianismo. São Paulo: Loyola, 2005.

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO

Palestrante, Agrônomo, Filósofo, Teólogo e Diácono Permanente

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br

Motivação | Cooperativismo | Comunicação | Longevidade | Agrosafia

Camboriú, Santa Catarina, Brasil